

Formação Permanente - português 11/2020

Manuel João - A ÚLTIMA CHAMADA Contemplando o Céu, mais além das estrelas

“A Porta da Fé, que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós...” (Porta Fidei, 1)

“À meia-noite ouviu-se um grito: Eis o esposo! Sai-lhe ao encontro!... Chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. (Mateus 25,6.12)

O mês de Novembro inicia-se com a solenidade de Todos-os-Santos, seguida da comemoração dos Fieis defuntos. Estas celebrações dão uma tonalidade particular a este mês. Convidam-nos a cultivar a “Comunhão dos Santos”; a reflectir sobre a nossa suprema chamada, a da vocação universal à santidade; a contemplar a futura glória, objecto da nossa Esperança!

Se os anjos outrora convidaram os Apóstolos a baixarem os olhos para a terra, quando contemplavam Jesus elevado ao céu, hoje talvez nos convidassem a erguê-los! O nosso olhar tornou-se míope. Habitados à escuridão da terra, os nossos olhos terrenos, de toupeira, são incapazes de erguer-se para contemplar o Céu. Novembro, quando sol vai perdendo o seu vigor, a luminosidade diminuindo, a noite crescendo, a natureza perdendo vitalidade... é tempo propício para elevar ao Céu o olhar da Esperança!

Estas celebrações oferecem-nos uma janela por onde avistar mais vastos horizontes, ou uma clarabóia para admirar o céu estrelado. Melhor ainda, abrem-nos uma PORTA: *“Eu vi uma porta aberta no céu e... uma voz disse-me: sobe até aqui...”* (Apocalipse 4,1). Entremos pois por essa porta aberta. O Paraíso abre as suas portas permitindo uma visita! Uma ocasião a não perder!...

Permiti-me que partilhe convosco algo de tal “visita”!...

Todos iguais ou todos diferentes?

Primeira surpresa: o Céu é um maravilhoso e imenso mosaico da diversidade!

“Eu vi uma grande multidão, que ninguém poderia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7,9). Não há “céus” diferentes para separar e evitar o “diverso”... numa eterna e monótona uniformidade! Mas um único para acolher e integrar a diversidade. Todas as diversidades: geográficas, temporais, raciais, culturais como também religiosas, convivendo alegremente, gratos pela riqueza da variedade que oferece uma contínua e perene novidade!

Surpresa ulterior: a riqueza de temperamentos e sensibilidades! Todas elas respeitadas. Todas elas purificadas. *“Uma gota de divino existe em cada homem. Somos as folhas dessemelhantes de uma única árvore”* (Cardeal Martini). Desaparecidas as sombras próprias de todo carácter (os seus limites, a outra face da moeda!), resplandece o seu lado luminoso! Finalmente *“o lobo convive com o cordeiro”* (Isaías 11,6).

Um exemplo? Vejo dois santos “nascidos para o céu” no mesmo dia, 30 de Setembro, de caracteres diametralmente opostos, a conviverem alegremente: S. Jerónimo, homem que fora rude, austero e irascível, e Santa Teresinha, toda ela feita de delicada sensibilidade!...

Repouso eterno?

Uma segunda surpresa: no Céu há azáfama, trabalha-se!...

O Céu não é lugar de ociosidade! Toda a gente trabalha! O “Patrão” é o primeiro a dar o exemplo: *“O meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho”*, diz Jesus (João 5,17). E não é um trabalho “divino”, feito “desde o alto”; pelo contrário, muito humano, serviço humilde, feito de

joelhos: “*Quem vê a mim vê o Pai*”, diz Jesus depois de ter lavado os pés aos seus discípulos. E que dizer do Espírito Santo, enviado para continuar a obra de Jesus?

Mudem, pois, de ideia os que pensam que o “repouso eterno” é justificação para o ócio. E fiquem descansados os que não aguentam “estar sem fazer nada”! Tal como vai o mundo, como poderíamos seguir adiante sem o auxílio do Céu? Não têm eles de atender continuamente aos nossos pedidos de ajuda? Enquanto o homem repousa Deus continua o seu trabalho, sem se cansar (Isaías 40,28; Salmo 127,2).

Deus é Criador não só porque “criou” mas porque cria continuamente, “*fazendo novas todas as coisas*” (Apocalipse 21,5). Deus continua a admirar a sua obra, experimenta a alegria de criar. Todo o Céu partilha desta felicidade de Deus que cria com o Poder da sua Palavra, sem renunciar à alegria infantil de modelar, com mãos de oleiro, o barro da terra. A plenitude do Ser comporta a pura Acção. Lá alcançaremos finalmente a harmonia entre ser e fazer, integrando em nós a acção de Marta e a contemplação da sua irmã Maria. Num feliz e perpétuo êxtase contemplativo e num pacífico e fecundo êxtase ativo!... “*Sabes qual é a felicidade dos santos? É possuir a vontade satisfeita em todas as suas aspirações*” (Santa Catarina de Sena).

Felicidade plena?

Uma terceira surpresa: a Felicidade do Céu não é uma “alegria descontraída”!

E como poderia sê-lo se é o lugar da Caridade perfeita? Como poderiam os nossos irmãos e irmãs alhear-se do nosso sofrimento e das nossas penas? E Deus sobretudo! A solidariedade de Cristo, a sua compaixão, as suas lágrimas (João 11,42) são emblemáticas. A Escritura não se coíbe de falar da “*profunda tristeza de Deus*” (Génese 6,6). E São Paulo pede-nos que “*não entristecemos o Espírito de Deus*” (Efésios 4,30), Ele que intercede por nós “*com gemidos indescritíveis*” (Romanos 8,26). Não é de admirar pois que certos videntes tenham ouvido Nossa Senhora falar da “tristeza” de Deus e de seu Filho, e a tenham visto “chorar”!... “*A tristeza do nosso coração é a tristeza de Deus*” (Tomás Merton).

O Céu é o “lugar” da Solidariedade extrema e da Caridade perfeita. A alegria no Céu será “total” quando for partilhada por todos, quando “*Deus enxugar todas as lágrimas, e não houver mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor...*” (Apocalipse 21,4). “*Não penses que a felicidade celeste seja apenas individual. Não! Ela é participada por todos os cidadãos da Pátria, homens e anjos*”. (Santa Catarina de Sena).

Prémio conquistado pelos nossos méritos?

Quarta surpresa: o Céu não é exclusividade dos “justos”!

O Céu não é o “salário” concedido unicamente aos justos que o teriam merecido pelas boas obras. Ficaremos talvez pasmados ao encontrar lá “certas” pessoas e ao abraçar, embaraçados, algum nosso “inimigo”! Porque Deus é Aquele que “*come com os pecadores e senta-se à mesa com eles*” (Marcos 2,15). “*A bondade de Deus tem grandes braços, que toma o que se dirige a ela*” (Dante). Por isso para ir para o Céu “basta querer”, diz S. Tomás.

O Céu é Dom da generosidade divina. Ninguém o merece. “*Todos foram justificados gratuitamente, por graça*” (Romanos 3, 21-28). “*Quando Deus premiará os nossos méritos* – diz Santo Agostinho – *não fará que coroar os seus dons*”. Lá compreenderemos bem a desconcertante parábola de Jesus, dos trabalhadores convidados a trabalhar na Vinha que recebem todos a paga por inteiro. Parábola que teve uma aplicação eloquente no caso do “bom ladrão”, “contratado” ao último momento, que, sem trabalhar, foi o primeiro a receber o salário (Lucas 23,43). E os justos não se escandalizam deste comportamento divino, pelo contrário: “*há mais alegria no Céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos*” (Lucas 15,7).

No Céu entra-se só por Amor. Por isso a mística sufista muçulmana Rabia de Bassora (+ 801) dizia que, se pudesse, apagaria o inferno e queimaria o Céu para que todos amassem a Deus desinteressadamente, não por medo do inferno ou esperança do Céu!...

Conclusão?

Perdoai a minha ousadia. Esta minha “visão” é certamente deturpada pelo meu olhar míope e ofuscado. Uma mísera e nublada sombra da realidade, pois o Céu é a Grande Surpresa que Deus nos reserva! Que a Esperança dele ilumine a nossa “noite”, como iluminou a do falecido Cardeal Martin:

“Deus quis que passássemos por esta ‘dura viela’ que é a morte e que entrássemos na escuridão... (porque) sem a morte nunca chegaríamos a fazer um ato de plena confiança em Deus. De fato, em cada escolha comprometedora, nós sempre temos ‘saídas de segurança’. Ao invés, a morte nos obriga a confiar totalmente em Deus. O que nos espera depois da morte é um mistério, que requer da nossa parte uma confiança total. Desejamos estar com Jesus, e expressamos esse desejo de olhos fechados, às cegas, colocando-nos totalmente nas suas mãos.”

Despeço-me com a “visão” que do Céu teve um olhar místico:

*“Finalmente compreendo o que é o Paraíso.
E de que é feita a sua Beleza, Natureza, Luz e Canto.
É feita de Amor.
O Paraíso é Amor.
É o Amor que tudo cria.
O Amor é a base sobre a qual tudo repousa.
O Amor é o ápice de donde tudo procede.
O Pai opera por Amor.
O Filho julga por Amor.
Maria vive por Amor.
Os anjos cantam por Amor.
Os bem-aventurados aclamam por Amor.
As almas são formadas por Amor.
A Luz existe porque é Amor.
O Canto existe porque é Amor.
A Vida existe porque é Amor”*
(Maria Valtorta).

P. Manuel João Pereira Correia (comboniano)